



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ADÍLIO DE OLIVEIRA

**BORDÕES MILITARES DO FILME TROPA DE ELITE: análise em uma
perspectiva sociolinguística**

Itaituba – PA

2019

ADÍLIO DE OLIVEIRA

**BORDÕES MILITARES DO FILME TROPA DE ELITE: análise em uma
perspectiva sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Railane Esmeralda Figueira

Itaituba – PA

2019

ADÍLIO DE OLIVEIRA

**BORDÕES MILITARES DO FILME TROPA DE ELITE: ANÁLISE EM
UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Railane Esmeralda Cruz
Figueira.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a RAILANE ESMERLDA CRUZ FIGUEIRA

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a KAREM ALESSANDRA KLUSKA

Avaliadora : _____ Nota: _____
Prof.^a WALBEA LUCIA LOBATO LOBATO MARTINS

Resultado: Aprovado

Nota: _____

Data: 1 de abril de 2019.

*Dedico esse trabalho a minha
esposa e aos meus filhos*

AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos primeiramente será a Deus que me deu forças para conseguir chegar até onde estou, academicamente, profissionalmente e pessoalmente pela família linda que ele me deu;

Visto que a família é um dos pilares que sustenta os princípios de uma pessoa, eu agradeço demais pela minha família ser meu porto seguro na pessoa de minha esposa Flávia que foi a pessoa que eu escolhi para ser minha eterna namorada;

Meus filhos Luiz Felipe e Adam Ruam que ainda são muito crianças, mas já entendem a responsabilidade deles dentro de casa na minha ausência;

A minha mãe que com todas as dificuldades de uma mãe solteira tem de criar seus filhos, ela soube nos mostrar o que é bom e o que é ruim, não nos deu uma infância de luxo mas nos deu dignidade e sabedoria de vida para que hoje eu possa ser uma pessoa integra e ensinar os passos do caminho correto a seguir para meus filhos.

Gostaria de agradecer também a uma pessoa que conheci durante o curso que se mostrou um verdadeiro amigo, parceiro para todas as horas, uma pessoa na qual eu deposito toda minha confiança e apreço que é o meu amigo Cristiano Patrick, infelizmente as circunstancias não deixaram ele seguir até o fim do curso, mas a amizade ainda é e sempre sera a mesma.

À minha orientadora Railane Esmeralda que muitas e muitas vezes foi orientadora de toda a turma nas horas de dúvidas, e também nas horas de dificuldade da turma ela sempre chegava e resolvia a situação, com uma dinâmica que parecia ser coelho tirado da cartola, e sempre falou não aquilo que nós queríamos ouvir mas sim aquilo que nós precisavamos ouvir.

Agradeço também a professora Danielle Lobato, que foi uma das professoras que mais tirou a nossa turma da zona de conforto e nos lapidou para que pudéssemos concluir com garbo esse curso;

Todos os funcionários da faculdade de Itaituba que sempre desenvolveram suas atividades para refletir no bom desempenho dos acadêmicos.

*“As fronteiras da minha linguagem
são as fronteiras do meu universo.”*

Ludwig Wittgenstein.

RESUMO

Esta monografia tem como temática uma abordagem sociolinguística dos bordões militares evidenciados no filme tropa de elite. Observou-se que em determinados grupos sociais, há uma particularidade da linguagem considerando determinados vocábulos com pronúncia e sentidos específicos, mas que, fazem parte de uma realidade cotidiana desses grupos. É natural, no entanto, que essas peculiaridades linguísticas sejam estereotipadas e discriminadas pelas pessoas que desconhecem a riqueza que têm na língua e por acharem que seus falantes falam completamente errado. Partindo da experiência acadêmica, a qual observou a notória importância de pesquisar e conhecer essa variação, o estudo caracterizou-se a partir do embasamento teórico sobre a Sociolinguística e suas ramificações dentro da variação, discutindo autores com concepções diferentes, estudos sobre o léxico e a origem das expressões populares, bordões, gírias e adequação vocabular. Assim, a partir da análise dos bordões militares evidenciados no filme tropa de elite por meio de métodos dentro de uma abordagem qualitativa, descritiva e bibliográfica, foi possível levantar informações relevantes para embasar esta monografia. Com objetivo de analisar os bordões militares evidenciados no filme tropa de elite a partir de uma perspectiva da sociolinguística considera-se essa pesquisa extremamente importante na medida em que ainda há bastante desinformação e preconceito sobre essa variação. Espera-se que este estudo venha contribuir para que se repense e reflita-se quanto à variação, principalmente, no que concerne as questões da adequação vocabular, valorização interesse pela pelos bordões de determinados grupos sociais, e que a leitura dessa monografia se constitua em um fomento de novos campos de pesquisas, pois o estudo da variação sociolinguística é inesgotável.

Palavras-chave: Análise Sociolinguística. Bordões Militares. Filme Tropa de Elite.

ABSTRACT

This monograph has as its theme a sociolinguistic approach of the military marks evidenced in the film "Tropa de Elite". It was observed that in certain social groups, there is a particularity of the language considering certain words with pronunciation and specific meanings, but that, they are part of a daily reality of these groups. It is natural, however, that these linguistic peculiarities are stereotyped and discriminated against by people who are unaware of the wealth they have in the language and because they think their speakers speak completely wrong. Based on the academic experience, which noted the importance of researching and knowing this variation, the study was based on the theoretical basis on Sociolinguistics and its ramifications within the variation, discussing authors with different conceptions, studies on the lexicon and origin of popular expressions, pointers, slang and vocabulary appropriateness. Thus, from the analysis of the military marks evidenced in the elite troupe film through methods within a qualitative, descriptive and bibliographical approach, it was possible to gather relevant information to support this monograph. In order to analyze the military milestones evidenced in the film tropa de elite from a sociolinguistic perspective, this research is considered extremely important insofar as there is still a great deal of misinformation and prejudice about this variation. It is hoped that this study will contribute to a rethinking and reflection on the variation, especially regarding questions of vocabulary appropriateness, valorization of interest by the bordados of certain social groups, and that the reading of this monograph be constituted in a promotion of new fields of research, since the study of sociolinguistic variation is inexhaustible.

Keywords: Sociolinguistic Analysis. Military Borders. Film Troop of Elite.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	11
2.2 A VARIAÇÃO E VARIEDADE LINGUÍSTICA	17
2.3 REGIONALISMOS, GÍRIAS E JARGÕES	23
2.4 ACEPÇÕES SOBRE BORDÕES DE GRUPOS SOCIAIS	31
3 METODOLOGIA	34
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	34
3.2 PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA	34
3.3 COLETA DOS DADOS	35
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS	36
4.1 PECULIARIDADES DOS BORDÕES MILITARES	36
4.2 ANÁLISE DE BORDÕES MILITARES EVIDENCIADOS NO FILME TROPA DE ELITE	39
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Essa monografia traz uma abordagem sobre os bordões militares analisados de acordo com os pressupostos sociolinguísticos, tendo como objeto de estudo as expressões utilizadas no grupo de militares personagens do filme *Tropa de Elite*. Para o aprofundamento desta pesquisa, houve um embasamento teórico fundamentado em artigos e livros de autores experientes no assunto, e aplicados na análise de bordões utilizados no filme em questão.

Nesse contexto, o referido estudo tem por objetivo registrar e analisar as expressões empregadas pelos personagens militares do filme *Tropa de Elite* por meio de um viés sociolinguístico. Este trabalho releva-se pela necessidade de um estudo aprofundado sobre a variação linguística que às vezes é vista de forma pejorativa e depreciativa por quem não fazem parte daquele meio e que é rica em léxicos, conceitos e significados que enriquecem o acervo lexical de determinado grupo social, o que no caso dessa pesquisa, refere-se aos militares, mesmo sendo percebido e analisado dentro de uma esfera fictícia, entende-se que esses bordões são verossímeis.

Dessa forma, o presente estudo busca responder as seguintes questões norteadoras: Como a variação linguística é empregada pelos personagens militares do Filme *Tropa de Elite*? Quais os fatores que favoreceram a origem dessas expressões? Qual a contribuição da variação linguística encontrada nos bordões militares para a Sociolinguística? Quais as estruturas lexicais empregadas nas conversações dos personagens?

A pesquisa numa perspectiva sociolinguística visa esclarecer as diversas formas de linguagens dentro de nossa língua oficial e suas peculiaridades nas interações comunicativas. Dentro desse contexto, faz-se necessário um conhecimento apropriado para todos que sentirem a necessidade de aprofundar seu conhecimento sobre Sociolinguística, haja vista que, esse ramo da linguística se torna desconhecido para muitos.

O enriquecimento teórico desta tese foi elencado a partir das pesquisas bibliográficas, onde foram observadas ideias de autores prestigiados nessa área como: Martelotta (2008), Tarallo (2007), Bechara (1999), Bagno (2004), Preti (1984), Calvet (2002), Antunes (2012), Ilari e Basso (2011) dentre outros que foram meditados.

Nesse contexto, os autores supracitados consideram o estudo da língua falada, observada dentro do contexto social, o seu ponto inicial é na comunidade linguística, mais precisamente dentro de uma instituição militar, consistindo em um grupo de pessoas que precisam interagir verbalmente entre si, e que compartilham um conjunto de normas no uso linguístico e que precisam algumas regras para se orientar os seus comportamentos verbais.

A estrutura dessa pesquisa está efetivada em Introdução, contendo a abordagem da Temática, Objetivos, Justificativa, Metodologia, questões norteadoras, principais autores e como a pesquisa está estruturada; Na Fundamentação Teórica, são percorridos os seguintes tópicos: Sociolinguística: considerações teóricas; A variação e variedade linguística; Regionalismos, gírias e jargões; Acepções sobre bordões de grupos sociais.

Por sua vez, na metodologia faz-se consideração sobre abordagem da pesquisa, pesquisa sociolinguística e coleta dos dados e, em seguida, os dados são analisados considerando os bordões militares evidenciados no filme Tropa de Elite.

E, por fim, são feitas as considerações finais a respeito da pesquisa em questão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Conforme Mussalim e Bentes (2011) a Sociolinguística vem mostrar que é por meio da língua mais simples e direta que ela vem a ser estudada. É por meio dela que homens e mulheres se comunicam expressando opiniões, ideias e pensamentos, constrói seu mundo através de informações aumentando seus conhecimentos.

A língua falada é uma grande ferramenta de estudo com várias possibilidades de uso onde cada falante tem liberdade de usar da forma que considerar melhor para exprimir seus pensamentos. Toda a língua do mundo sofre modificações sucessivas que fazem parte da história da língua. E sendo a Sociolinguística um ramo aonde a linguística vem trabalhar a língua no meio social, seja o modo como os falantes interagem na sociedade, pois é na convivência social que a fala vem com seus diversos modos. O falante usa essa fonte como melhor meio de expressar suas emoções e sentimentos procurando viver harmoniosamente com os outros. (MUSSALIM E BENTES, 2011).

Nesse contexto, toda língua falada por uma comunidade tem sempre variações, afirmando que a mesma não é homogênea, ela tem um conjunto de variedades riquíssimas a serem trabalhadas e valorizadas. Cada indivíduo possui seu modo de falar individual como ele achar melhor oralmente. Os falantes já possuem suas variedades na língua. A Sociolinguística vem trabalhar em cima dessa diversidade como uma busca de conhecimentos.

Para Mussalim & Bentes (2011) a língua e a sociedade são um fato que precisa ser visto de forma que um não existe sem o outro. Assim essa relação entre linguagem e sociedade não será posta em dúvida por ninguém. Ela é um meio de comunicação importante para a sociedade, mas que muitas vezes precisa ser mais valorizada e reconhecida como determinante no estudo da Linguística.

Os sociolinguistas, portanto, sempre postulam que não existe uma forma única de se falar, todo o indivíduo tem suas variações na fala dependendo da situação onde ele se encontra. A sociolinguística vem estudar esse comportamento observando no convívio social do falante essas variedades.

A relação entre linguagem e sociedade, reconhecida, mas nem sempre assumida como determinante, encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da Linguística. (...). Nesse sentido, a Linguística do século XX teve um papel decisivo na questão da consideração da relação linguagem-sociedade: é esta que se encarrega de excluir toda consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico. Referimo-nos, aqui, à constituição da tradição estruturalista, iniciada por Saussure em seu Curso de Linguística geral, em 1916 (ALKMIM, 2011, p. 23).

A linguística do século XX teve um papel importante e definitivo com relação à linguagem e sociedade. Saussure define a língua, por oposição a fala. Para ele a língua é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio em sociedade. Ele distingue a linguagem com a faculdade natural que consente ao homem constituir uma língua.

De acordo com a autora Saussure considera que o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero, mas também afirma que é falso dizer que sem o caráter formal e estrutural linguístico não seria possível conhecer o organismo linguístico interno. Esse pensamento de relacionar linguagem e sociedade foi bastante considerado pelos autores do século XX. Integrados ou não à grande corrente estruturalista houve linguistas importantes quando se trata de pensar a questão do social no campo dos estudos linguísticos.

Silva (2009) em seu livro "Um sociolinguista _ muito prazer": aborda que a linguística apesar de ser uma ciência que tem como objeto de estudo a descrição das línguas naturais nem sempre foi isto como relevante, pois Saussure no século XX descreve a língua como um fator social não incluindo como uma ocupação da linguística ao afirmar que a mesma é homogênea. Esse pensamento foi acompanhado do estruturalismo ao gerativismo.

Para Silva (2009) Saussure revolucionou a história da linguística, mesmo considerando como um sistema homogêneo. Para ele, era impossível estudar a língua em seu processo de mudança, mesmo reconhecendo a mudança linguística, sua concepção era que quando uma mudança linguística viesse ser percebida na língua era porque já tinha sucedido, já tinha sido concluída.

Uma vez que os estudiosos da área não estavam colocando em suas pesquisas os aspectos sociais, os primeiros conceitos sociais ligados à linguagem vieram dos sociólogos e antropólogos que deixavam a desejar em suas pesquisas linguísticas, pois não tinham qualificação sobre as questões da língua. Foi então que

em 1963, o sociólogo Sciences Research Council, inaugurou os estudos linguísticos. (SILVA, 2009, p. 14,15). Conforme Coelho (2015):

Nos Estados Unidos, a visão estruturalista cede espaço, na década de 1960, ao gerativismo, fundado por Noam Chomsky. Para essa corrente, uma língua é um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade de linguagem, um componente inato à espécie humana. Assim como o estruturalismo, o gerativismo considerava a língua um sistema homogêneo desvinculado de fatores históricos e sociais (COELHO, 2015, p. 56).

A visão estruturalista teve seu papel importante no século XX principalmente por Saussure que foi um dos que revolucionou a história da linguística, rompendo estudos do século XIX e colocando como objeto de estudo a língua tomada em si mesma, e vista como um sistema de signos. Chomsky nos seus estudos linguísticos diz que o objeto da linguística não era a fala dos indivíduos e sim as instituições do pesquisador acerca da língua e seus julgamentos sobre a gramaticalidade das frases.

Assim como Saussure um marco da corrente linguística estruturalista como Chomsky fundador do gerativismo concebia seu objeto de estudo uma entidade homogênea. Esses dois estudiosos da língua tinham como compromisso teórico a homogeneização da língua. Segundo Coelho (2015), no ano de 1966, aconteceu nos Estados Unidos, o simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, esse debate foi composto por três grandes estudiosos Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, os quais resgataram a discussão sobre os estudos da mudança linguística com o objetivo de propor um novo conjunto de fundamentos para o estudo da mudança. Os autores criticam a tradição neogramática por afirmar que a mudança ocorre na natureza psicológica, homogênea e associal do idioleto.

Com isso esses três estudiosos lançam os fundamentos de uma teoria da variação e mudança a nossa Sociolinguística, retomando as contribuições de estudiosos que viam a língua como um fenômeno social. (COELHO, 2015, p. 57, 58).

Uriel Weinreich foi um dos primeiros a direcionar suas pesquisas para fenômenos como os efeitos do contato linguístico, a variação e a mudança linguística. Partindo de premissas diferentes e entendendo a língua como um sistema heterogêneo, Weinreich e dois de seus orientados na época, Labov e Martin Herzog, discordam das teorias vigentes (...) ocorrido na Universidade de Texas em abril 1966, hoje considerado um clássico da área da sociolinguística e o ponto de partida para estudos sobre a dinâmica da mudança. (...) (SILVA, 2009, p. 1).

Silva (2009) cita que auge dos seus 40 anos Weinreich um dos primeiros a direcionar suas pesquisas linguísticas a mudança morfe. Após sua morte Labov continua suas pesquisas começando uma série de investigações mais detalhadas sobre a variação linguística trazendo uma revolução sobre a concepção de como os falantes utilizam a língua.

De acordo com Silva (2009), Labov foi o fundador da sociolinguística variacionista, suas metodologias, inovações e análises trouxeram a linguística moderna oportunidade de pesquisas e reflexão sobre a estrutura linguística e social. Labov se tornou um dos mais importantes até hoje no campo linguístico por suas ideias e pelo seu trabalho que foi bem aceito e reconhecido na comunidade científica internacional.

[...], Labov desenvolveu inúmeros trabalhos voltados para o estudo da língua em seu contexto social, focalizando especialmente a variação fonética- fonológica na língua inglesa. Seu grupo de pesquisa, sediado na Universidade da Pensilvânia (EUA), tornou-se o centro irradiador dessa nova e instigante abordagem da língua, e Labov é tido até hoje como a grande referência da área. No Brasil, as pesquisas no campo da Sociolinguística Laboviana tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970, sob orientação de Anthony Naro (COELHO, 2015, p. 58).

Labov nos seus estudos e trabalhos de pesquisas conclui que a proposta da sociolinguística por ele apresentada é a presença de um componente social na análise linguística e a noção de língua como um sistema heterogêneo. Seus estudos passam a ver a língua não apenas com elementos internos ao sistema e sim passando a considerar fatores extralinguísticos para a explicação de fenômenos da variação e mudança.

As pesquisas no campo da Sociolinguística Laboviana são tidas até hoje como grande referência, e também foram muito aceitas pelos estudiosos brasileiros que se ocupavam nas diversas descrições de fenômenos variáveis no português no Brasil, e que foi se espalhando por diversas regiões do país.

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento da língua falada, descrita e analisada em seu contexto social, em situações reais de uso dentro de uma comunidade de fala através de um sistema heterogêneo. Assim seu principal objetivo é a comunidade linguística onde um conjunto de pessoas interage verbalmente compartilhando um conjunto de normas sobre os usos linguísticos, isto é, pessoas que se relacionam por diversos meios comunicativos.

Os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade da fala são primordiais na Sociolinguística que tem focado seus estudos na variação da língua em comunidades linguísticas (ALKMIM, 2011).

O estudo linguístico surgiu como impacto de uma nova concepção que sem dúvida é muito positiva, mas que ainda precisa enfrentar obstáculos principalmente por concepções antigas que são contra essa nova forma de ensino, e também pelo fato da falta de formação de alguns professores que ficam acomodados e não buscam novas formas de conhecimentos.

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área (BAGNO, 2007, p. 28).

Segundo Bagno (2007), com o surgimento da Sociolinguística os linguistas concluíram da importância de se estudar a língua não só em si, mas no dia a dia da sociedade, como também em estudar a língua dos indivíduos de uma comunidade como uma estrutura viva que vai sendo diversificada, essa é a grande preocupação da sociolinguística.

Nesse pensamento, entende-se que foi através de estudos linguísticos que os linguistas foram incentivados especialmente por Labov a ir à busca dessa inovação da língua e suas variações. O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov. Não que ele tenha sido o primeiro sociolinguístico a surgir no cenário da investigação linguística. (TARALLO, 1992)

Tarallo (1992), em seu livro *A pesquisa sociolinguística* relata sobre William Labov, como um dos iniciantes da sociolinguística. Mas ao mesmo tempo ele fala que com certeza ele teve outras inspirações que o fizeram criar uma nova teoria. Com isso ele cita que no sentido de inspiração podem ser chamados os sociolinguísticos todos aqueles que entendem que a língua é um meio de comunicação e interação entre os indivíduos humanos.

O elemento básico da Sociolinguística é a língua como identidade cultural, é o elemento essencial para a sociedade, pois se preocupa em estudar as diversidades no uso da mesma uma vez que ela cria mecanismos de comunicação. A Sociolinguística é um ramo da linguística, pois a mesma possibilita a comunicação

das pessoas tanto de um grupo como individual. Ela vem se preocupar em estudar as diferenças nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades, ou seja, seu principal elemento de estudo é a língua falada pela sociedade.

De acordo com Alkmim (2007), uma forma que pode ser pego como exemplo para isso, e a forma do modo imperativo, o qual para os falantes de português denota, ordem, exortação, conselho, solicitação, de acordo com o significado do verbo e tom utilizado pelo falante. Como em, "vai te embora", "ouve este conselho! ".

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: por favor, por gentileza, digne-se de, tenha a bondade etc (ALKMIN, 2007, p. 31, 30).

Para o referido autor ao utilizar essas expressões, o tom de voz também tem grande importância, pois dependendo da maneira que o mesmo é utilizado, qualquer dessas expressões pode se tornar rude e seca, tornando o discurso desagradável para o interlocutor. Para se estudar uma comunidade linguística, o que primeiro se quer é a diversidade e variedade, pois toda comunidade tem modos diferentes de falar, e essas diferenças existentes no modo de falar é o que a sociolinguística chama de variedades linguísticas, que é formada de todo o repertório verbal utilizado pelos falantes de uma comunidade.

Toda língua falada por qualquer comunidade sempre exhibe variações, o que pode ser afirmada que nem uma língua é homogênea, ou seja nem uma língua é falada da mesma forma. Toda língua é constituída de um conjunto de variedades, a "língua portuguesa" reúne diferentes modos de falar, que é utilizado pelos falantes do Brasil e em Portugal, em Angola, Moçambique Cabo Verde, Timor e etc., portanto língua e variação estão sempre juntas, e a sociolinguística encara não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico (BRANDÃO, 1991, p. 56)

De acordo com Brandão (1991, p. 32), os falantes de uma mesma comunidade nem sempre falam a mesma língua, comparando uma comunidade como a de Salvador percebe-se que seu repertório linguístico é formado por variedades linguísticas distintas, o que pode mudar de acordo com, a sua origem regional, sua classe social, de suas ocupações e da situação em que se encontram, de modo que quem pronuncia a palavra "doido", como [dojdzu], revela que é de

região interiorana, e quem pronuncia “cozinha”, como [kunzia], indica tanto a origem social como sua pouca escolaridade.

Desse modo, de acordo com o autor supracitado aprende-se a fala com a convivência, porém mais do que isso se aprende quando se deve falar de uma forma ou de outra. De acordo com Bagno (2009) os membros de qualquer comunidade adquirem as competências comunicativa e sociolinguística com respeito ao uso apropriado da língua, em termos reais, pode se afirmar, que os falantes entendem quando devem falar ou ficar calados, sabem se usam a forma imperativa para a ordem, ou se utilizam uma expressão suave, como em “saíam daqui já”, ou “ por favor dirijam-se a saída”.

2.2 A VARIAÇÃO E VARIEDADE LINGUISTICA

De acordo com Alkmin (2007) todas as línguas são continuações históricas, pois todos os indivíduos têm descendências do domínio de uma língua particular. As mudanças com o tempo são parte da história de uma língua. O uso da língua na vida das pessoas é uma das atividades constantes que está presente todos os dias de forma que a língua não poderá ser a mesma em todas as situações de uso, assim sendo não tem como dizer que a língua é homogênea.

Segundo Silva (2009), a língua é um conjunto de variedades. Cada língua é como uma grande pizza dividida em várias partes e que cada fatia é uma variedade e nenhuma é melhor ou pior que a outra. Essa heterogeneidade, que a princípio pode parecer acidental, é dependente por fatores internos ao sistema das línguas, por que se não fosse não ocorreria da mesma forma nas mais diversas comunidades da fala.

(...), a língua é um sistema organizado _ tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem o curso superior e o outro ensino fundamental.(...) a língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade_ além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua, (...) (COELHO, 2015, p.13).

Em cada comunidade de fala ocorre o uso de formas linguísticas variadas porque todas as línguas variam, não existe nenhuma sociedade ou comunidade nas quais todos falem da mesma forma. Os indivíduos na sua própria língua sofrem

variações, pois eles adquirem as variantes que procede de fatores que estão sempre presente no dia a dia. Isso significa que a língua é um fenômeno que sempre está em evolução.

Quando se propõe a estudar uma comunidade linguística, o que se observa imediatamente é a existência de variação. Toda comunidade se diferencia pelos muitos diferentes modos de falar. Há esses diferentes modos de falar, a Sociolinguística dá o nome de variedades linguísticas. Esse conjunto de variedades linguísticas que uma comunidade utiliza é chamado de repertório verbal.

Toda língua falada por uma comunidade sempre terá variações, afirmando que nenhuma língua é homogênea, e que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. O que chamamos de língua portuguesa junta os diferentes modo de falar que são usados pelos falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, etc.

Língua e variedades são dois elementos inseparáveis que a Sociolinguística encara não como um problema e sim como uma qualidade constitutiva do acontecimento linguístico. (ALKMIM, 2011, p. 32,33).

De acordo com Coelho (2015) se for analisar a fala das pessoas a nossa volta vamos perceber que falam de uma única maneira como também de maneiras diferentes unindo pelo fato de elas falarem o português.

A variação linguística é um processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/ representacional, isto é, com o mesmo significado. Para um sociolinguista, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma "tu" quanto "você" não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes (...) (COELHO, 2015, p. 16).

Outra qualidade que se observa é pelo fato de a fala sofrer diferenças por determinados grupos como escolaridade, região, profissão, jovens, mulheres etc. Compreendemos que pessoas a nossa volta falam de maneiras diferentes, mas que são perfeitamente entendidas. O olhar que os sociolinguistas têm sobre a língua e sobre a variação linguística é primeiramente o de adotar dados produzidos por falantes em uma comunidade.

A diferença entre variantes padrão e não padrão. As variantes padrão são, grosso modo, as que pertencem às variedades cultas da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizadas (COELHO, 2015, p. 18).

Essas variações que a língua apresenta são de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. A variedade padrão, língua padrão ou norma culta tende a ser a mais prestigiada por grupos políticos e econômicos, pela observância as regras da gramática normativa.

A variação linguística não é acidental, ela não acontece por acaso. Se não existissem regras que a dirigissem não haveria compreensão entre os falantes, por isso é que existem forças dentro e fora da língua que condicionam na escolha de qual variante usar dependendo do ambiente tanto linguístico como extralinguístico uma variante terá maior possibilidade de ser escolhida pelo falante.

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua (BAGNO, 2002, p. 16).

De acordo com o autor a variação existe em todas as línguas humana e sempre muda conforme o tempo, pode se inovar, modificar, ninguém possui o mesmo modo de falar, dependendo do lugar onde a pessoa se encontra essa variedade vai mudar.

Essas variações estão presentes a todo o momento na vida do ser humano e que sempre sofrem diferenciações. Ela possibilita a comunicação com as pessoas tanto de um grupo como individual, por isso a linguagem dependendo onde está sendo modificada merece respeito da parte dos falantes.

Desse modo, conforme Bagno (2002) toda língua possui variações linguísticas. Elas podem ser compreendidas por meio de suas condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada e dessa forma buscar compreender a realidade linguística que está no dia a dia de nossas práticas sociais. Em sociedades convivemos com variedades linguísticas diferentes, que são usadas por diferentes grupos sociais, e essas diferenças podemos perceber que são maiores na língua falada que na língua escrita.

Buscar também essa variedade em pessoas pertencentes ao mesmo grupo social, mas que se expressam com falas diferentes, de acordo com a situação de uso seja ela formal ou informal. As variações linguísticas são importantes para se observar pela grandeza de riquezas que ela vem nos mostrar, mesmo havendo muitos preconceitos sociais em relação a variedades não padrão, elas têm seu valor em grupos sociais ou nas comunidades em que são usadas. "Todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre os seres humanos (...)" (BAGNO, 2004, p. 25).

De acordo com o autor supracitado, a língua sofre variações, e ela é um recurso que desempenha bem seu papel de comunicação e interação no meio que ela estiver inserida, e esses valores devem ser respeitados observados e colocados em prática.

Alkmim (2011) descreve que qualquer língua falada por qualquer que seja a comunidade apresenta variações, mesmo porque nenhuma língua se apresenta de forma homogênea significando que a mesma é representada por conjunto de variedades. Língua e variação são dois elementos inseparáveis. Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas de indivíduos que ao longo do tempo herdaram de seus descendentes o domínio de uma língua particular, essas mudanças fazem parte da história da língua.

Assim, a sociolinguística tem como objeto de estudo a variação, princípio geral e universal. Sendo assim, as variações são representações aceitáveis da língua, todas sem exceções, e apresentando suas diferenças de acordo com a região, sexo, idade, condição social e cultural, a evolução histórica da língua etc. Então podemos compreender a língua como um conjunto de variedades.

A variação linguística também pode ser analisada em sua dimensão interna em seus diferentes níveis linguísticos: variação lexical, fonológico, morfofonológica, morfológica, morfossintática, sintática, discursiva.

Para Coelho (2015), a variação lexical apresenta elementos bastante compreensíveis de serem observados, ou seja, as palavras que compõem uma dada língua, muitas vezes associados a variação regional. Com isso, pode-se observar exemplos de palavras de uso variados em que se está falando no campo da variação no nível lexical.

Estudos sociolinguísticos relatam a variação fonológica existente em diversos fenômenos do português do Brasil. Nesses estudos foi observada a troca do (lh) por (i) nas palavras, esse acontecimento é chamado de palatalização sendo apenas, mas um exemplo de variação fonológica no português do Brasil. Outro nível em que podemos examinar é a variação morfológica aquela alteração que ocorre num morfema da palavra, como é o exemplo da palavra “andamo”, “partimo” onde houve queda de -s, restando a marca-mo, esse tipo de variação se dá na construção da palavra.

A variação linguística também é vista de fora da língua, sendo que sua dimensão externa também pode ser estudada os condicionadores extralinguísticos que estão relacionados aos tipos de variação. Para a Sociolinguística esses fatores extralinguísticos são tanto importantes como os linguísticos.

É a variação regional, também conhecida por variação geográfica, ou variação diatópica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala. Através da língua, é possível saber que um falante é gaúcho, mineiro, ou baiano, por exemplo. (...) (COELHO, 2015, p. 38).

A fala assim como outros costumes culturais são elementos importantes para identificação de pessoas de determinado lugar, a variação regional ou diatópica pode ocorrer entre dois países, de região para região dentro de um mesmo estado, duas cidades de um mesmo estado, dois bairros diferentes de uma mesma cidade. Pode ocorrer algumas vezes a variação por etnia de colonizadores imigrantes de diversos outros países tornando assim muito mais amplo o estudo sociolinguístico.

Coelho (2015) declara que assim como a fala pode levar marcas de diferentes regiões, a mesma pode refletir qualidades sociais dos falantes. A variação social ou diastrática são variações linguísticas que acontecem entre diferentes camadas sociais, ou convivência de grupos sociais. Os principais condicionadores sociais que estão ligados à variação linguística diastrática são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária.

O grau de escolaridade, onde os falantes escolarizados por ter maior contato com a cultura letrada produzirão facilmente a variante considerada padrão. O nível socioeconômico é também muito estudado por Labov e seu grupo em suas pesquisas apontando que o grupo social menos privilegiado são aqueles que não dominam a língua padrão enquanto os privilegiados escolhem a variante padrão.

Por sua vez, na variável sexo/gênero, as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio do que os homens, elas preferem usar as variantes que são mais valorizadas pela sociedade. Outra observação é que a variável sexo/gênero tem tido resultados significativos quando se relaciona essa variável com a faixa etária e com a história social de diferentes comunidades analisadas da população.

Coelho (2015, p. 45) também relata sobre a faixa etária, a semelhança entre a variedade linguística e idade do falante. "Estudos feitos mostraram que os falantes mais velhos tendem a usar formas mais antigas enquanto os jovens preferem a forma mais nova". Com relação à faixa etária, através de estudos realizados pode entender que ela não pode ser estudada sem que leve em conta relação entre indivíduo e comunidade.

Esses diferentes papéis sociais que exercemos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de variação estilística ou diafásica. Nas circunstâncias mais formais, usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja, prestamos mais atenção na forma como vamos pronunciar as palavras, enquanto em situações informais usamos uma língua mais cotidiana.

A autora ainda afirma que além da variação regional, da variação social e da variação estilística, é muito comum encontrarmos em trabalhos sociolinguísticos a variação entre a fala e a escrita ou diamésica. Essa variação linguística diz respeito a dois códigos distintos enquanto os outros tipos dizem respeito a fenômenos que se aparecem geralmente na fala. Ao estudar a variação diamésica, é importante entender que existem diferenças entre a fala e a escrita.

Conforme Bagno (2002) há três tipos de variações: a variação diatópica que é de região para região, a diafásica onde ocorre dentro da própria língua falada pelo falante dependendo se ela é formal ou informal mostrando que a mais formal sempre vai obedecer às regras existentes na gramática enquanto a informal vem a ser aquela linguagem mais íntima e mais espontânea, já a variação diastrática vai observar e comparar a maneira de falar das classes sociais.

E tanto na oralidade como na escrita a língua vai obedecer a determinados níveis no processo comunicativo dos falantes.

De acordo com Alkmim (2011), os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social, etc. Descrevendo as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

A variação geográfica ou diatópica fica incluída às diferenças linguísticas distribuídas no ambiente físico, observáveis entre falantes de genealogias geográficas distintas. A variação social ou diastrática incluir a um conjunto de fatores relacionados às variações de natureza social, classe social, idade, sexo, situação ou contexto social.

Alkmim (idem) também assegura que há um tipo de interação social particular em que um falante decide mudar de variedade linguística sem que tenha ocorrido mudança de situação. Um exemplo é a conversa em que o pai interroga a filha nos seguintes termos: "Aonde a senhora pensa que vai?", esse termo "senhora" está carregado de ironia".

Em qualquer comunidade de fala, existe um conjunto de variedades linguísticas. Em todas as comunidades existem variedades consideradas superiores e outras inferiores. Nas sociedades observa-se de modo claro existência de variedades de maior prestígio e as menos prestigiadas. Essa variedade mais prestigiada socialmente dá-se o nome de variedade padrão.

A variedade padrão também conhecida como norma culta é o efeito de uma atitude social ante a língua estabelecida por um conjunto de normas que definem o modo correto de falar. Em nossas sociedades, a variedade padrão é a variedade falada pelas classes sociais altas de determinadas regiões geográficas.

2.3 REGIONALISMOS, GÍRIAS E JARGÕES

No Brasil, a comunidade linguística comporta-se de modo que suas atitudes, pensamentos, ideias, percepções a respeito do meio em que vivem e convivem seus integrantes são manifestados por meio da comunicação oral, propagada através de expressões próprias de grupos sociais existentes na sociedade.

Não somente a língua é influenciada por grupos, como também já recebeu e recebe influências culturais trazidas através de várias nacionalidades formando as regiões brasileiras desde o descobrimento, imigração e até os dias atuais, como ilustra Lajolo (1977):

[...] o uso particular da língua em cada região geográfica tem sua razão de ser na sua própria espontaneidade. Por esse motivo, não há uma forma de falar melhor que a outra, e não se pode dizer que o modo de falar de uma determinada região é mais bonito ou mais correto que o de outra (LAJOLO, 1977, p. 227).

Cada região possui seu jeito particular independente das condições sociais. Os seus falantes utilizam expressões conhecidas e de fácil entendimento por todos nas conversações de modo que, essas expressões surgiram ali naquele meio regional e tampouco cairão em desuso por serem estigmatizadas.

Segundo Terra (1997) “a diversidade na utilização do uso de uma mesma língua [...] pelo conjunto dos falantes é decorrente de inúmeros fatores”. Um desses fatores citados pelo autor é o fator regional que,

O português falado no sul do país difere do falado no norte. Ainda dentro de uma mesma região, encontram-se variações do uso da língua. Num mesmo estado, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e a empregada pelo habitante da zona rural (TERRA, 1997. p. 61).

Terra (1997) reflete ainda que mesmo que o Brasil tenha o português registrado como língua oficial, todas as suas regiões possuem um determinado jeito de falar esse português, seja através de expressões diferentes ou expressões que tenham diversos sentidos empregadas nas diversas situações.

Lajolo (1977) ressalta que as diferentes pronúncias “constituem marcas características do uso da língua em diferentes regiões do país”. A autora considera estas distintas pronúncias partes essenciais da variação regional/geográfica.

Görski e Coelho (2009), denominam o regionalismo como variação geográfica e afirmam que esta associa-se às forças internas que promovem ou impedem a variação e a mudança e à identidade do falante. “É como se o indivíduo, ao manifestar-se oralmente, já revelasse a sua origem. É como se ele, pela sua forma de falar, se identificasse como pertencente ou não a determinada comunidade e a determinado grupo social” (GORSKI; COELHO, 2009, p. 77). A respeito dessa percepção, Coelho (2015) revela que:

A variação regional está associada, algumas vezes, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada. No Brasil, apesar de o território ter sido largamente colonizado por portugueses, tivemos um grande fluxo migratório de diversos povos [...], sem contar os povos africanos que foram trazidos como mão de obra escrava e os povos indígenas que aqui já habitavam [...] (COELHO, 2015. p. 39).

Coelho (2015) justifica que essas diferenças regionais advêm devido a existência de nativos e ocupação colonial no território brasileiro por colonizadores estrangeiros e depois desta, a ocupação atual de diversos imigrantes que passam a

ocupar as regiões brasileiras mesclando suas línguas com o português, gerando desta forma, expressões regionais.

Lajolo (1977) enfatiza que no Brasil “há um número bastante variado de usos da língua portuguesa. Essa variação se dá, sobretudo, na diferença de pronúncia”. Essa pronúncia recebe uma nomenclatura popular de *sotaque* e se difere ainda no vocabulário que ela exerce, sendo que as palavras vão ganhando sentidos distintos em todas as regiões, havendo casos em que os vocábulos se tornam desconhecidos em certas regiões e, em outras são constantemente empregados.

Duarte (2017) enfatiza que variação regional é comumente chamada de dialetos, “que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões, [...]”. Figurando também esta modalidade estão os sotaques, ligados às características orais da linguagem”. Essa variação modifica-se conforme a região ao qual as palavras e/ou expressões são empregadas e, para embasar sua percepção, a autora toma como exemplo claro da variação regionalista a palavra “mandioca” que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim.

De acordo com Coelho (2015), a variação regional pode ser estudada ainda sobre os tipos de unidades espaciais. Pode existir variação regional entre dois países, entre duas regiões de um mesmo país, entre duas cidades de um mesmo estado e, até mesmo entre falantes de dois bairros de uma mesma cidade. “É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior” (Coelho, 2015). Brandão (2005) distingue:

Os falares regionais em relação aos falares locais. Os primeiros caracterizam-se por serem as peculiaridades expressivas próprias de uma região determinada que carecem da coerência interna que possui o dialeto. São, portanto, peculiaridades regionais da língua comum (BRANDÃO, 2005, p. 13).

Brandão (2005) ainda comenta que o regionalismo é propriedade linguística específica de cada região, colocando os moradores desta em uma comunicação peculiar que difere das demais transmitindo e recebendo elementos expressivos com suas determinadas definições gerando entendimento por parte dos usuários desta variação.

Gorski e Coelho (2009) esclarecem que no Brasil percebe-se as diferenças existentes entre os diversos falares de cada pessoa que advém de cada região brasileira como baiano, paulista entre outros; “assim como também percebemos

diferenças na fala de indivíduos provenientes de zona rural e a de indivíduos urbanos nas diferentes regiões” (CORSKI; COELHO, 2009. p. 77).

Coelho (2015) define a variação regional como *variação regional* ou *variação diatópica*, sendo esta responsável como elemento primordial de identificação um tanto precisa à origem de uma pessoa simplesmente pelo modo como ela fala. A autora exemplifica que por meio da língua, é possível saber o falante é gaúcho, mineiro ou baiano.

Outro hábito linguístico estudado por Preti (1984) é a gíria. A mesma é definida pelo autor como:

Um fenômeno de grupo restrito, é uma decorrência dessa dinâmica social e linguística. Caracterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de auto-afirmação (PRETI, 1984, p. 03).

Preti (1984) continua afirmando que a gíria é a identidade de um grupo e todos os integrantes deste grupo possuem uma facilidade na troca e compreensão da informação. A linguagem utilizada pelos mesmos é de fácil acesso e quando expandida no meio social, passa a ser vista com dificuldade se é de exclusividade da gíria ou do vocábulo popular.

Etimologicamente, Rector (1975) *apud* Andriguetto (2006), conceitua a gíria como *jerga* ou *jerigonza* utilizada pela primeira vez em 1734, significando uma língua especial, com difícil compreensão. Já no início do século XVI, apareceram outros sinônimos sobre ela.

Conforme os estudos de Terra (1997) “a gíria, por ser uma variante da língua, também sofre evolução: constantemente surgem novas gírias e outras desaparecem”. Para corroborar seu ponto de vista, o autor questiona um exemplo antigo de gíria que era utilizado com frequência em uma determinada época e que, hoje caiu em desuso ou que desapareceu por completo devido a essas tais mudanças: “*Fiquei gamada naquele broto porque ele era um pão*”.

Preti (1984) elucida a origem da gíria com seu vocabulário herdado das comunidades marginais, ou seja, da própria gíria utilizada por malandros ou da

antiga gíria dos “hippies”, tornando-se um signo grupal bem definido na sociedade moderna das grandes cidades.

Preti (1984) esclarece que o rótulo “marginais” não se restringe tão somente aos marginais do crime, mais a grupos de intelectuais como estudantes e outros grupos que se valem de expressões particulares para a facilitação da comunicação entre si como a expressão muito usada na década de 70, *bicho*, que fazia a substituição das palavras *amigo*, *colega* e *cara*.

Sob a perspectiva das expressões cômodas aos grupos sociais, Duarte (2017) admite que “as gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros”. Ou seja, cada grupo possui seu vocabulário singular de expressões utilizadas por seus falantes que, em um processo de interação, todos os componentes repassam informações, absorvem a mesma e correspondem significativamente entre si, fazendo uso de seus próprios códigos linguísticos e, fazendo desta forma, o avivamento de sua gíria.

Também sob esse mesmo olhar Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) refletem que em outras palavras, “a gíria não é coletiva. Não abrange toda a sociedade. Não há linguagem científica baseada em gíria. Não há linguagem jurídica baseada em gíria. Não se escreve um contrato em gíria. E não há dicionário universal em gíria”. A gíria é exclusiva de grupos sociais pertencentes às classes média e baixa e, é importante uma atenção redobrada ao utilizar em determinados locais, ou seja, é inapropriado seu uso em situações em que requer uma postura padrão.

Andriguetto (2006) corrobora a gíria como um conceito relacionado “ao conjunto de expressões de tipo popular, comuns na linguagem corrente e despretensiosa e, de maneira geral, sua frequência é maior nas esferas menos cultas da população”. Os grupos sociais são marcados pelo tipo de linguagem que empregam ao se relacionarem com seus parceiros e, essa linguagem, recheada com expressões singulares são por vezes incompreensíveis pelo restante da sociedade que não faz parte de determinado grupo.

Segundo Oliveira (2009) “uma gíria é um neologismo, uma palavra nova, inventada por um grupo de falantes da língua. Pode ser também uma palavra velha com uma roupagem nova”. Ou seja, a gíria permite ao seu falante ser aprimorada, inventada, reciclada para que, a interação comunicativa se torne mais compreensível. Um exemplo claro que a autora mostra é a palavra “pintar”, em através do tempo ela foi ganhando novos sentidos.

Bragança (1991) *apud* Terra (1997) atribui a gíria uma variante própria da juventude e da linguagem coloquial e informal. A mesma torna-se uma descontração, um deboche ou até mesmo uma crítica, sendo sua existência, essencial para a linguagem pois, a mesma atribui “um colorido próprio à linguagem”. A autora supracitada afirma ainda que sem o uso da gíria, a língua corre o risco de tornar-se empobrecida pela padronização, ficando sem vida e sem acréscimo de outros léxicos nas variantes.

Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) retratam a gíria como

Linguagem própria de um grupo social. É característica da linguagem oral informal e é usada por pessoas de um grupo com interesses em comum – por exemplo, o mesmo tipo de divertimento, de profissão, de prática esportiva, ou a mesma idade, a mesma classe social, a mesma condição de vida, etc (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2006. p. 67).

Todos os integrantes de um determinado grupo social que utilizam sua própria gíria, criam um universo próprio e há uma total compreensão por parte destes. As autoras supracitadas aprofundam seus estudos ressaltando ainda que, “difícilmente a gíria é entendida por pessoas de fora do grupo que a adota, funcionando assim como um código próprio, que distingue o grupo”. Como ela se torna restrita a outros grupos e até mesmo do restante da sociedade, ela possui vida curta perante a forma tradicional da língua.

Por outro lado, Oliveira (2009) afirma que a gíria “pode passar a ser usada por pessoas de fora da comunidade em que ela foi criada, pode até passar a ser usada por grande parte dos falantes daquela língua”. A autora enfatiza ainda que quando isso ocorre, a expressão ganha o “direito” de ir para o dicionário e, a partir de sua catalogação, ela se torna pública e os falantes até esquecem que sua origem veio da gíria.

As expressões usadas nas gírias são diferentes conforme os grupos sociais, ou seja, cada grupo têm suas próprias suas próprias expressões, o que diferenciam de outrem. Sobre isso Andriguetto (2006), revela que a gíria “é um elemento de defesa na medida em que é apenas compreendida pelos integrantes do grupo que dela fazem uso. Mas é também um elemento de agressividade com [...] desprezo pelo restante da comunidade.”

Existe um universo linguístico de gírias por todo o país e, todas elas tem sua pronúncia um tanto parecida mas, com múltiplos sentidos e com os mais variados

contextos, e só quem faz uso dela consegue compreender uma conversa dentro de um grupo que também só se comunica por meio da gíria, conforme explica Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) “para quem não faz parte do grupo que adota essas gírias, se não houver uma “tradução”, é quase impossível aprender o seu real significado”.

Por outro lado, Oliveira (2009) aborda que a gíria tem várias funções, dentre elas, definir o grupo social de falantes que se expressa da maneira que lhe convém mais adequada. “Ela separa os que usam daqueles que não a usam. A gíria é uma das variedades linguísticas que nos dão identidade” (OLIVEIRA, 2009. p. 89).

A gíria é vista ainda como uma agressividade e obscenidade por conta de algumas de suas expressões usadas com múltiplos sentidos por seus usuários. Preti (1984) relaciona algumas dessas palavras que ratificam essa agressão vocabular usada pelos falantes, tais como *bicha*, *sacana*, *mamar*, *piranha*, *cabrocha*, *mina* entre outras. De acordo com Terra (1997):

A gíria é uma variante da língua padrão utilizada por um grupo de indivíduos de um grupo social ou profissional em circunstâncias especiais. Claro que cada grupo distinto tem sua própria gíria, daí encontrarmos vários tipos de gírias: a dos malandros, a do jovens, a dos surfistas, a do futebol, etc. (TERRA, 1997. p, 66).

Segundo Andriguetto (2006), essa linguagem serve como influência para as variações sócio- culturais, sendo assim, mais popularizada quando suas expressões são ditas de maneira própria revelando sentimentos como afinidade ou agressividade e, isso vem a diferenciar os falantes desse grupo do resto da sociedade.

A autora supracitada ressalta ainda que a gíria permite a criação de novas palavras que ao serem empregadas cotidianamente, tornam-se irreverentes, costumeiras utilizando em seu vocabulário metáforas, arcaísmo, onomatopeias, metonímias e em algumas situações, o estrangeirismo. Oliveira (2009) ressalta que

A gíria nos ajuda a definir melhor determinados termos, coisas, situações, sentimentos. É como se a língua não possuísse o vocabulário suficiente para exprimir algo que desejamos e, portanto, seria necessário “reinventar” as palavras (OLIVEIRA, 2009, p. 89).

Desta forma, a gíria se torna importante para os seus falantes. Em certas situações, a gíria se torna o meio de expressão mais rápido, fácil e compreensível por parte destes que as outras formas de linguagem se tornam difíceis e inacessíveis.

Terra (1997) dentro de seu estudo, explicita que cada grupo adere a um tipo de variante e essa variante forma a identificação dos falantes e os torna inclusos, havendo troca de informações, como é o caso da gíria utilizada em alguns grupos profissionais, recebendo assim um novo codinome, Jargão. Nesse caso, ela visa à precisão técnica e, normalmente aparece também na forma escrita em publicações especializadas, conforme Terra (1997).

Segundo Reis (2011), o jargão teve seu conceito modificado desde a Idade Média, sendo comparado ao gorjeio dos pássaros e também à fala incompreensível como "*jargon*", em francês e "*gargle*", em inglês que correspondem a "*tagarellice*" e, logo depois, no século XVI, a palavra se espalhou para o italiano "*gergo*" ou "*zergo*", espanhol "*jerga*" ou "*jerigonza*" e em português como "*gerigonça*".

Neste mesmo sentido, Andriguetto (2006) ressalta que "só a partir do século XIX, com o surgimento das profissões, passou a designar as linguagens técnicas, quando grupos de novos especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos, criando jeitos próprios de falar". Ou seja, nomeando-se como uma gíria profissional, tendo por função incluir somente quem faz parte daquela classe profissional.

Bechara (2011) define jargão como "linguagem peculiar determinados grupos sociais" e Rocha (1996) também o conceitua como "1 Língua ininteligível. 2 Vocabulário peculiar, especializado, de uma classe ou profissão." Os dois autores observam o jargão como expressão particular de um grupo profissional e que, cada grupo tem seu próprio jargão a ser utilizado.

Duarte (2017) atribui que o significado de Jargão está relacionado "ao profissionalismo, caracterizando um linguajar técnico. Representando a classe, podemos citar os médicos, advogados, profissionais da área de informática, dentre outros". Essa variante é específica de grupos restritos, não utilizada em locais ou situações inapropriadas.

Andriguetto (2006) afirma que o "jargão é, em primeira análise, terminologia utilizada em linguagens ligadas às atividades profissionais". Ou seja, ele é empregado na facilidade de comunicação entre uma categoria profissional e seu uso perde o sentido se empregado fora daquele ambiente e se for utilizado em conversas espontâneas com falantes que não fazem parte do âmbito profissional.

A autora supracitada remete a existência dos jargões desde os séculos passados, como a linguagem dos funcionários públicos, do médico, dos burocratas e

da diplomacia, pedreiros, limpadores de chaminé, atores e outros e ainda sua crescente propagação no industrialismo na época.

2.4 ACEPÇÕES SOBRE BORDÕES DE GRUPOS SOCIAIS

Outro tipo de linguagem que é objeto de estudo dessa pesquisa, usado continuamente pelas pessoas é o bordão surgido dos meios de comunicação. Originado como influência da televisão, ele torna-se fácil e frequentemente utilizado pela população, conforme ressalta Sousa (2009, p. 54) “estão literalmente na “boca do povo” e os quais influenciam a comunicação de crianças e adultos”.

Reis (2011) afirma que “essa utilização linguística dos bordões não deve ser desprezada, dada a importância social e cultural que a TV tem hoje, dentro da sociedade brasileira”. A maior parte da população possui televisão e com isso, se torna mais fácil de ser difundido um bordão, sendo que esta, por sua vez, torna-se um contato com outras culturas, pessoas, estilos de vida diferentes e maneiras de falar de pessoas fora do convívio do telespectador. Sá; Pereira (2017) abordam que

Os bordões estão em diversos tipos de programas, todavia, estão predominantemente nas telenovelas. Eles são criados pelos autores ou até mesmo pelos autores, pois os próprios atores têm relativa liberdade em escolher bordões coerentes com seus personagens (SÁ; PEREIRA, 2017, p. 3).

Os bordões têm a finalidade de chamar a atenção do público em relação a um personagem e fixar sua existência através de uma expressão curiosa e inédita, sendo de fácil interpretação e, podendo ser empregada nas situações corriqueiras ou aproximadas de onde foi surgida.

Já Reis (2011) aborda que “vulgarmente um bordão seja apenas característica típica de um personagem. Mas, na verdade, constitui uma forma de conhecimento do homem, das lutas e cultura de um povo”. Ou seja, a expressão já se torna parte da comunicação entre os falantes, não só de quem é telespectador, como de quem passa a ouvir continuamente.

Reis (2011) ainda exemplifica em seu estudo, um bordão bastante conhecido e ainda hoje utilizado que é “Tô pagano!”, usado pela atriz Katiuscia Canoro do programa Zorra Total, da Rede Globo. Nesse bordão é perceptível a facilidade em seu emprego devido as circunstâncias em que ele se faz necessário.

Sousa (2009) reflete que os bordões tornaram-se conhecidos através da televisão mais que, seu surgimento se deu na época de ouro do rádio na década de 40, fixando-se nos anos 70, especificamente em 1973 com a novela *O Bem-Amado*.

Por sua vez, Sá (2017) remete que o bordão começa a fazer parte do cotidiano do telespectador, adaptando-se facilmente às situações convenientes implicando numa importância social. Deste modo, uma determinada expressão torna-se parte diária do vocabulário de uma pessoa, mesmo que já tenha saído de moda.

Conforme Reis (2011) “não há regras para criar um bordão. Quase sempre é inserido pelo autor no texto, mas muitos atores têm a liberdade para criá-los, durante o seu trabalho”. E isso se torna marca registrada tanto de um personagem como de uma época em que foi surgido e assim, ser repetidamente utilizado não fazendo parte

Qualquer sociedade humana, independentemente de ser intelectual, rica, pobre, letrada, tecnológica e letrada, de alguma forma possui seus modos peculiares de falar. Assim, essa forma de expressão sempre está presente em qualquer grupo humano. Sobre isso, Prado & Batista (2011), postulam que,

Eles independem de classes sociais, idades e estão na ponta da língua de pessoas do mundo inteiro. Suas origens são variadas e, muitas vezes, incertas. Mas o certo é que os bordões resistem ao tempo, às mudanças tecnológicas e ao desenvolvimento científico porque traduzem, de forma simples e direta, o que há de mais expressivo em relação aos sentimentos e ideias humanos (PRADO; BATISTA, 2011, p. 40).

No caso para essas autoras (p. 40), cada comunidade desenvolve ou promove os bordões em função de suas características culturais, econômicas e sociais. Uma das principais características em comum segundo Prado & Batista (2011), é que geralmente ninguém sabe com esse se originou, e também não tem como dizer qual autor é precursor deste gênero, o que se sabe, é que todas as culturas distintas no mundo, determinados bordões em determinado meio social. Para Moraes (2007), esses são oriundos da oralidade, mas que esporadicamente podem ser encontrados também escritos.

Estruturalmente, os enunciados bordões são breves, fáceis de serem memorizados. Linguisticamente são ricos marcadores sociais, construções binárias ou simetrias entre as partes que criam um eco do sentido. Mas o que define, na realidade, essa linguagem não é forma interna, mas sua função externa moral e didática (MORAES, 2007, p. 22).

Contudo, sobre e nas diversas sociedades, os bordões estão presentes, assim, há autores que relatam que, à medida que o tempo vai passando, vai surgindo novos bordões, por vezes reformulados ou criados a partir dos primeiros, inclusive a modernidade cria essas condições, em suma, qualquer sociedade humana, possui de alguma forma algum tipo de bordão.

Os bordões constituem uma parte importante de cada cultura, muitas vezes usamos certas expressões, mas não temos ideia do que elas significam, um real motivo para se aprofundar nos estudos e buscar compreender suas origens. As expressões populares podem ser vistas apenas como uma manifestação corriqueira, de uma parcela de um povo quase sempre a parcela inculta, no sentido de uma linguagem de poucos recursos culturais podem ser vistas como um recurso importante no processo de comunicação social. São carregados de ideologia, polifonia e autoridade, e por muitas vezes carregados da verdade absoluta.

A cultura do Brasil é marcada pela diversidade cultural temos a cultura nacional e além dessa também, temos a cultura regional identificada através da linguagem. Segundo Xatara e Succi (2008) muitos desses enunciados são ricos em linguagem figurada, que poderia ser explorada de forma a promover aos alunos uma maior familiaridade com esse tipo de linguagem.

Cada comunidade ou grupo social desenvolve suas expressões baseadas em seus aspectos culturais, econômicos e sociais. Por vezes costuma traduzir a situação do indivíduo de forma clara e simples. Ferraz (2006) afirma que “as relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem”.

Como afirma Antunes (2003, p. 51) “As novas concepções da linguística – que na verdade, já não é tão nova assim – podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos”, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia-a-dia.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho, foi empregada primeiramente a pesquisa bibliográfica pois, é de suma importância, um embasamento teórico em relação ao tema escolhido, sendo ainda, crucial as concepções sobre o assunto sob o ponto de vista de grandes teóricos e estudiosos. Esta ainda se destaca como um ponto de partida em busca de informações concretas sobre tal tema. Como prova disso, Marconi e Lakatos (2011) afirmam que:

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com métodos de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar repostas para questões propostas, utilizando métodos científicos (MARCONI; LAKATOS, 2011. p. 43).

Pádua (2002) atesta que a pesquisa bibliográfica se baseia nos conhecimentos acerca de documentação e bibliografia, tendo por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com os embasamentos teóricos já registrados dentro do tema pesquisado aprofundando assim, um conhecimento mais claro sobre tal.

O último método a ser desenvolvido para o enriquecimento desta monografia foi o estudo de caso. Este tipo de pesquisa leva o pesquisador a enriquecer sua formação acadêmica, possibilitando um conhecimento mais abrangente do contexto. É o que ressalta Pádua (2002), "transforma-se em um novo momento de aprendizagem, o que torna mais dinâmico, rico e desafiador o projeto de pesquisa".

3.2 PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

Conforme Tarallo (1992), a proposta da sociolinguística é que ela deve demonstrar a variedade social da linguagem, relacionando as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

O modelo de análise sociolinguística teórico-metodológico que tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social. Nessa perspectiva, o sociolinguista precisa participar diretamente da interação com os membros da comunidade, necessidade imposta pela própria orientação teórica, mas essa participação pode perturbar a naturalidade do evento.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados para análise dos bordões militares foram coletados no filme *Tropa de Elite* de cunho policial com o gênero drama/filme policial, dirigido por José Padilha, um cineasta, roteirista, produtor cinematográfico brasileiro e documentarista. Esse filme tem como tema a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro junto com a ajuda do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Ao criticar os usuários de substâncias ilícitas, atribuindo-lhes a culpa pela expansão do tráfico de drogas e da violência urbana, o filme gerou grande debate na mídia brasileira. As práticas de tortura por parte dos policiais também foram abordadas, gerando questionamentos quanto a uma suposta transformação de tais personagens em heróis em virtude de suas atitudes frente aos criminosos ou à população pobre e aos moradores de favelas.

Para a elaboração deste trabalho foi feito levantamento no roteiro dos dois filmes inúmeras vezes, analisando cada palavra falada repetindo se fosse para tanto, até entender o contexto em que cada palavra foi dita. O estudo desses bordões foi analisado a partir do prisma de Labov que segue parâmetros sociolinguísticos e entende que o fator social influencia na língua falada de cada indivíduo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 PECULIARIDADES DOS BORDÕES MILITARES

Para atender as distintas necessidades de expressão comunicativa, novas palavras ou expressões vão sendo criadas tanto na ciência da linguagem como no cotidiano. Essas necessidades advêm da influência social, econômica, etária e cultural dos falantes.

Cunha e Ferraz (2017) ressaltam que dentro do processo de criação do léxico de uma língua, existem “muitas unidades neológicas em nossa língua”. Essas unidades contribuem de certa forma, para a estrutura do português brasileiro e que são ocorrentes como bastante fluência na língua.

Segundo Prado e Batista (2011), as “expressões populares usadas com frequência, muitas vezes, não têm sequer sua origem definida e são faladas por culturas distintas mundo a fora”. Tais expressões são trazidas por pessoas advindas de outros lugares, tanto do Brasil, como fora dele e, pelo fato de serem utilizadas, já ganham espaço dentro do acervo lexical do falante brasileiro.

Dessa maneira, é possível observar a respeito das expressões populares, de acordo com os postulados de Prado e Batista (2011) que:

Elas independem de classes sociais, idades e estão na ponta da língua de pessoas do mundo inteiro. Suas origens são variadas e, muitas vezes, incertas. Mas o certo é que os ditados populares ou provérbios resistem ao tempo, às mudanças tecnológicas e ao desenvolvimento científico porque produzem, de forma simples e direta (PRADO; BATISTA, 2011, p. 40).

Portanto, ao fazer uso dos bordões que são usados no contexto militar brasileiro, as pessoas que são inseridas nesse grupo conseguem se comunicar de maneira que essa relação é preservada de modo que essa linguagem assegura uma espécie de acordo entre os participantes desse grupo social.

Schmitz (2014) também refere a origem dos bordões populares de “diferentes nacionalidades (franceses, italianos, árabes, indianos, chineses e luso-brasileiros, entre outros), de temas variados, alguns irônicos, outros irreverentes e ainda outros perspicazes com respeito à nossa vivência cotidiana”. Por haverem inúmeras bordões populares, os falantes podem usá-las de forma bastante simplificada conforme a ocasião pedinte.

Oliveira (2009) revela que há uma integração na cultura de um grupo social quando seus membros produzem a comunicação, tendo a necessidade de haver a educação para aprender o respeito pelo modo de como as classes populares comunicam entre si. Há certas situações em que o emprego das expressões populares não são bem recebidas por outras pessoas que não as utilizam.

Prado e Batista (2017) ressaltam que muitas expressões populares que ao serem pronunciadas, precisam estar de acordo com as situações em que serão empregadas, caso contrário, a comunicação se torna desconexa.

Segundo as autoras supracitadas, certas expressões típicas, "são tipos de linguagem ainda continua sendo muito utilizada, porque se baseia em conceitos elementares, dos sentimentos mais comuns e mais representativos da raça humana". Com o avanço da tecnologia e novas formas de interação social, os falantes ainda sim, empregam os ditos populares pois, estes são fáceis de serem compreendidos e ainda podem servir como justificativas para determinada ocasião. Vasconcelos (2004) cita que

Os bordões, representativas da diversidade linguística, são marcas da linguagem de um grupo social que, apesar de não se encaixarem nos padrões de norma culta de nossa língua, atuam como elos de ligação a tradições locais, ritos culturais que a comunidade, de modo instintivo, busca preservar por sentir que a língua constitui, dentre tantos, um importante fator componente da identidade social da cada indivíduo (VASCONCELOS, 2004, p. 76).

Essas expressões inseridas na linguagem cotidiana, não recebem regras gramaticais como a linguagem escrita, como são espontâneas, ficam incorporadas no sentido de que "tudo vale na fala" ou "o que importa é se a mensagem foi entendida" e, assim novas expressões vão sendo criadas. É nesse ponto de vista que Prado e Batista (2017) ressaltam que essas expressões aplicadas a diversas culturas, tempos e circunstâncias, foram adaptadas a era digital e cada vez mais, novas expressões sofrem modificações e aprimores para atender a lógica de dispersão como de usabilidade.

Outro fator a ser mostrado por Borgatto (2006) são os chamados empréstimos ou estrangeirismos. Estes por sua vez contribuem para a expansão do léxico. "Trata-se do uso de palavras de línguas estrangeiras que, aos poucos, passam a fazer parte da comunicação entre usuários da língua portuguesa".

As autoras supracitadas até se referem a essas contribuintes como “aportuguesadas”, utilizadas tanto na pronúncia ou na escrita e até tomam como exemplos as palavras “videokê”, “shopping”, “show” entre outras. E toda essa contribuição provém do contato um tanto fácil do falante com a tecnologia.

Todo falante do português brasileiro possui um jeito de se comunicar e de empregar sua expressão linguística em qualquer circunstância devido a adequação ao contexto de comunicação.

Assim, o falante condiciona a forma linguística ao contexto em que se encontra inserido, seja em casa com a família, no trabalho, na igreja e assim por diante para que não haja um certo conflito ou vazio na troca de diálogos. Ambos autores elucidam ainda que, “chamamos os sujeitos envolvidos no processo de produção verbal de interlocutores”. Seja em qualquer lugar ou tempo em que vivem, esses interlocutores determinam um contexto aos enunciados que produzem.

Oliveira (2017) ressalta que não é tarefa fácil exercer a adequação vocabular e que, há uma verdadeira inadequação vocabular, pois, “a habilidade para empregar adequadamente o léxico, objetivo que – na opinião dos poucos que o tentam é um dos mais difíceis de conseguir”.

O autor supracitado remete essa impropriedade em cima de alguns fatores contribuintes como substituição de palavras, criação de neologismos inadequados, confusão e redundância no vocabulário, entre outros. Desse modo, o vocabulário lexical “é vasto e as palavras, até mesmo as que parecem monolíticas, podem apresentar facetas diferentes, dependentes do contexto”. As palavras ganham sentidos diferentes quando empregadas nas variadas situações e é necessário que, o falante saiba adequar as mesmas para que sua transmissão de informações não se torne inválida.

É interessante que todas essas observações podem ser percebidas no contexto dos policiais militares uma vez que ao utilizar a palavra e seu sentido “este sentido depende frequentemente de fatores pessoais e sua transmissão necessita de outras palavras (sinônimos ou definições) que, por sua vez, são compreendidos apenas por quem faz parte desse grupo social.

Diante do exposto, faz-se necessário elencar várias manifestações práticas sobre o os bordões militares evidenciados à luz da sociolinguística no Filme Tropa de Elite.

4.2 ANÁLISE DE BORDÕES MILITARES EVIDENCIADOS NO FILME TROPA DE ELITE

O filme tropa de elite conta uma história fictícia sobre a polícia militar do Rio de Janeiro dando ênfase na estrutura hierárquica, nos problemas do dia a dia e também na sua tropa especializada (BOPE). Em um contexto mais sistemático da polícia militar do Rio de Janeiro. Nesse longa metragem existe algo muito peculiar que é questão da linguagem usada nesse filme pelos personagens militares.

Dessa maneira, primeiramente foi feita a coleta dos bordões de forma minuciosa de modo geral sem observar as peculiaridades. Segundo passo foi a separação de cada grupo de falantes e seus bordões. Considerando que o bordão é um fenômeno de linguagem especial usada por certos grupos sociais pertencentes a uma classe social ou a uma profissão em que se usa uma palavra não convencional para designar outras palavras formais da língua com o intuito de fazer segredo, humor ou distinguir o grupo dos demais criando um jargão próprio (COELHO, 2015).

No objeto de estudo foi constatado o uso descontrolado dessa forma de comunicação chamado Bordão que pode ser percebido a partir de um olhar mais atento considerando o contexto em que foi empregado, contemplando, portanto, uma visão sociolinguística.

Alguns bordões registrados no filme “Tropa de Elite”:

Armado até os dentes – de posse de muitas armas.

Convencional honesto subindo a favela dar merda – pm honesto em lugar onde rola propina corre risco de vida.

Convencional não é treinado pra guerra – pm comum não tem treinamento para combater o tráfico.

Fazer o nosso com tranquilidade – trabalhar fazendo o que sabe fazer sem inventar e sem afobação.

Tu vai puxar a ponta – tu vai na frente.

Senta o dedo nessa porra – atirar logo.

Pavio curto – sem paciência.

Quando o preço fica alto é hora de pular fora – quando o problema

fica fora do controle é hora de desistir.

Essa pica não é mais minha – esse problema não é mais meu.

Cair na real – entender a realidade.

Como a banda toca – como as coisas funcionam.

Sementinha do mal – rapaz de pouca idade que já trabalha pro tráfico.

Quer fuder comigo? – quer me arrumar problemas?

Eles vão me passar – eles vão me matar.

Faca na caveira e nada na carteira – policial que trabalha certo e não aceita propina.

Três meia zero ali – fazer varredura no perímetro da abordagem em um ângulo de 360 graus.

Quem quer rir tem que fazer rir – se quer que eu te ajude tem que me pagar.

Vai virar chiclete de cadeira – vai desistir

O papo tem que ser reto, se for torto é com vocês mesmo – tem que fazer as coisas do jeito certo, se fizer errado vocês serão responsabilizados.

Vou cobrar geral – cobrar de todos obediência quanto a regras da favela

Perto de mim o coronel era uma moça – o coronel é menos carrasco do que eu.

Pede pra sair – assinar o desligamento de um curso.

O senhor é um fanfarrão – o senhor não leva nada a sério.

Nunca serão – não vão conseguir.

20 anos de curso porra – acostumado nessa situação e ainda erra.

Fatiou passou – fazer a varredura e avançar.

Sem afobação pode tá o pau quebrando – manter a calma mesmo se tiver a pior situação.

Missão dada e missão cumprida - sou eficiente e objetivo.

Vai cantar o que pra nós ? – o que voce trouxe pra nós?

Limpeza étnica – onde morrem pessoas de apenas uma classe social ou raça.

Eu cair pra cima – exonerado de um cargo e promovido a outro melhor.

Pica das galáxias – o melhor de todos.

Jogou merda no ventilador – tornou público vários problemas de cunho sigiloso.

Só vive em paz quem aprende a lutar – uma pessoa decidida e focada sempre sabe superar os obstáculos da vida, tornando ela mais fácil de ser vivida.

A guerra é como uma válvula de escape – a guerra é onde o pm alivia seus problemas pessoais.

Quando o arrego é magro o amor acaba – quando o dinheiro dos traficantes é pouco o acordo é desfeito.

Faz péla ai – tira tudo o que ele tem.

Cada cachorro que lamba sua caceta – cada um com seus problemas.

Caveira – policial com curso de operações especiais.

PM arregado – policial corrupto.

Nada é tão ruim que não possa piorar – toda situação pode evoluir negativamente.

Tu é um guelão do caralho – tu reclama pra caramba.

A imprensa comia o fígado dele – a imprensa ia propagar críticas negativas.

A lei do eu sei – chantagem por saber algo de errado que outra pessoa fez.

Salseiro – lugar onde se morre muita gente.

Jogo de cartas marcadas – quando todos sabem o final de alguma situação.

Alemão – inimigo

Passa que e teu – mata que é sua vez.

Vapor – indivíduo responsável por distribuir drogas em determinado local.

Dono – indivíduo que é o chefe da favela.

Não ia largar o osso – não ia desistir.

Vai dar merda – vai dar confusão.

Tudo fifit fifit – tudo meio a meio.

Tá de pombagirisse – tá dando uma de doido.

Tabela 1: Lista de bordões registrados no filme “Tropa de Elite”. Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o modo de falar é possível observar e identificar a filosofia de vida desse grupo de falantes observados na análise e também sociolinguisticamente falando esses grupos de falantes constituem um conjunto de fatores que contribuem para a formação desses bordões e cada um tem seu contexto diferente e são regulamentadas por regras não são aleatórias por esse motivo eles não ficam soltos em uma conversação, nem fora de coerência, em situações reais de uso.

Bordões em sua grande maioria são utilizados pelos artistas para se tornarem mais presentes no dia a dia do telespectador como nos exemplos “corta pra mim”, “o louco meu” e “quem quer dinheiro”. No processo de apuração dos dados foi feita uma relação de fatores que influenciam nas variantes, podendo ser variantes linguísticas ou não linguísticas como é o caso do grau de instrução, idade e gênero.

Também é possível incluir na lista de fatores variantes exclusivas dessa obra a questão da relação de poder entre os homens, interesses pessoais, hierarquia e disciplina e o estrito cumprimento do dever legal. Dessa forma buscou-se verificar as variações na língua focando nos bordões em uma comunidade de fala, entendendo o dinamismo sistemático da língua condicionada a fatores internos e externos (estrutura da língua e fatores sociais respectivamente).

5 CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa foi deixar visível a importância da Sociolinguística e sua extensa contribuição em relação às variações existentes no português brasileiro. Por meio deste, é de total relevância notar que utilizamos uma variação em nossa língua, seja ela influenciada pelo meio ao qual fazemos parte, pela nossa origem ou grupo social.

Este estudo permitiu uma análise dos bordões militares evidenciados no filme tropa de elite conhecida pela sua forma distinta de comunicação oral, que chama atenção pela sua peculiaridade, mas sofre bastante preconceito e discriminação. As pesquisas concretizadas abriram um leque de diversidade lexical em que sua importância dentro da comunicação daquele grupo profissional é imprescindível.

Nesse sentido, é necessário considerar que falar diferente não é falar errado. Usar uma variação não se torna um pecado e nem um distanciamento do português padrão. Há um contexto, uma cultura, familiaridade, intimidade e ensinamentos repassados de pais para filhos por meio das expressões. Estas se tornam indispensáveis à comunicação e fortificam os laços entre seus integrantes.

Perante os estudos realizados e a coleta de dados, observou-se que, mesmo numa situação fictícia, sua aplicação é verossímil e as expressões são exclusivas daquele local e que não importando a hierarquia, todos conseguem entendê-las e aplicá-las dentro de suas realidades no contexto policial militar, havendo entendimento, respeito, afinidades, que é exatamente esse o papel da linguagem usada de acordo com os interesses de um grupo.

Assim, essa investigação sociolinguística contempla seu propósito que é o de examinar língua e sociedade para avaliar os problemas de variações que sai do sistema linguístico, abordando a estrutura linguística e a social estabelecendo as variações de natureza linguística existentes nas expressões verbais, diferente das sociais.

Diante disso, essa pesquisa torna-se uma contribuição para outros trabalhos e pesquisas acadêmicas, escolares, históricas ou ainda para aquelas leituras de ampliação do conhecimento sobre a mesma. Com isso, a Sociolinguística só tem a contribuir com a valorização nos estudos das variações e a comunidade militar ganha uma luz de conhecimento sobre sua riqueza lexical.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tania Maria. **Sociolinguística** parte I. in: Massalim, Fernanda, BENTES, Anna Chistina (orgs.). **Introdução a linguística: domínios e Fronteiras**. 4. D. são Paulo: Cortez, 2004.
- ANDRIGUETTO, T. I. D. **A criatividade na composição da linguagem policial: suas gírias e jargões**. UTPP. Curitiba, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. V.13. ed.Parábola. São Paulo, 2003.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 13ªed.Editora Contexto. São Paulo, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística** – 1ª edição. São Paulo. SP: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim**. Ed. Parábola. São Paulo,2009.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 2011.
- BORGATTO, A. M, T.; BERTIN, T.C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Tudo é linguagem**. Ática. São Paulo, 2006.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL**. 1ª edição. Ed. Ática. São Paula, SP, 2005.
- COELHO, Izete Lehmkuhl.; et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUARTE, M. L.C: **Estudos linguísticos e campos de pesquisa-**, São Paulo 2017.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. **A inovação lexical e a dimensão social da língua**. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.
- GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022> >
 acesso em 03 jan 2019.
- LAJOLO, Marisa. Et al. **Caminhos da linguagem: área de comunicação e expressão**. Ática. São Paulo, 1977.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7ª ed. Atlas. São Paulo, 2011.

MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**. 2ª ed. Cortez. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Helenio Fonseca de. **Ensino do Léxico: O problema da adequação vocabular**. Disponível em: <<http://www.pirgletras.uerj.br/matraca/matraca19/matraca19a03.pdf> >. Acesso em 06 dez 2018.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 6ª. Papiros. Campinas, 2002.

PRADO, L; BATISTA, R. **LÉXICO E SOCIEDADE: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS**. 2011.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. Edusp, São Paulo, 1984.

REIS, R. M. M. **Os bordões criados pela TV e sua influência na linguagem cotidiana**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**. Ed. Atlas. São Paulo, 1979.

SÁ, E. J.; PEREIRA-JR, L. C. **A sociedade dos bordões**. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11031> > Acesso em 18 dez 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Ed. Cultrix: São Paulo, 2006.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística**. 8ªed. Editora Ática. São Paulo, 1992.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. –São Paulo: Scipione, 1997.

SILVA, Edila Vianna da. **A Pesquisa Sociolinguística: a teoria da viação**. 2009 Disponível em: <https://www.google.com/amp/docplayer.com.br/amp/8308090-A-pesquisa-sociolinguistica-a-teoria-da-variacao-edila-vianna-da-silva-uff-e-abrafil.html> acessado em 23/12/2018.

SOUZA, R. M. J. **Os bordões televisivos e sua influência**. 2009 Disponível: <www2.unucseh.ueg.br/.../trab_gt09_os_bordoes_televisivos_sua_influencia.pdf >. Acesso em 15 nov 2017.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. **Revisitando o conceito de provérbio**. Juiz de Fora: Veredas on line Atemática, 2008.